

## COMBATES PELA HISTÓRIA: UMA ENTREVISTA COM LAURINDO MEKIE PEREIRA

BATTLES FOR HISTORY: AN INTERVIEW WITH LAURINDO MEKIE PEREIRA

EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS<sup>1</sup>  
(ENTREVISTADORA)

### SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; ENTREVISTA COM O PROF. DR. LAURINDO MEKIE PEREIRA

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS



**Prof. Dr. Laurindo Mekie Pereira<sup>2</sup>**

Antes da entrevista propriamente dita, é importante trazermos, mesmo que brevemente, um resumo do currículo do nosso entrevistado.

<sup>1</sup> Esta entrevista contou com o apoio e participação na elaboração das perguntas dos seguintes professores/pesquisadores: **Dr. Fábio Antunes Vieira**, **Me. Thiago Pereira**, **Me. Alber Carlos Alves Santos** (Doutorando), **Me. Francisco Rocha** e **Nagib Aouar Claudino** (Mestrando).

<sup>2</sup> Foto disponível em: < <https://unimontes.br/tempus-podcast-lancado-por-professores-de-historia-explica-a-polemica-dos-dois-aniversarios-de-montes-claros-163-ou-188-anos/> >. Acessado em: 09 de setembro de 2022.

---

. Em 1998, Laurindo Mekie Pereira graduou-se em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). No ano de 2001, finalizou o seu Mestrado na mesma área na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde defendeu dissertação de título “Dependência, favores e compromissos: relações sociais e políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50”.

Em 2007, o Professor Mekie doutorou-se em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), defendendo a tese “Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político norte-mineiro”.

Realizou ainda estágio de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, entre os anos de 2015 e 2016

Desde o ano 2000, Laurindo Mekie é docente da Universidade Estadual de Montes Claros, lecionando as disciplinas de “História do Brasil República”, “Historiografia do Brasil”, “Estado, Nação e Culturas Políticas”, “Tópicos em Poder, Trabalho e Identidades”, “Tópicos em Interpretações do Desenvolvimento no Brasil”, entre outras.

Em resumo, Mekie é um acadêmico atuante, sendo um pesquisador e escritor com vários livros e inúmeros artigos publicados, além de muitos trabalhos apresentados em eventos diversos.

Atualmente, para além das suas funções enquanto docente de graduações e mestrados na Unimontes, o Professor Mekie também se dedica a um Podcast chamado “Tempus: Combates pela História”, onde divide o protagonismo com outros dois historiadores, quais sejam: o Prof. Me. Francisco Rocha e o Prof. Me. Thiago Pereira.

Conhecida a trajetória acadêmica do Professor Mekie, passemos à próxima fase. Sem mais delongas, vamos às perguntas...

Desejamos uma ótima leitura a todos!

## ENTREVISTA COM O DR. LAURINDO MEKIE

**REVISTA PARAJÁS:** O historiador inglês E. P. Thompson, ao tentar clarificar a noção de classe, reflete que essa noção resulta das experiências vividas pelos sujeitos, sejam herdadas ou partilhadas. Inspirado nessa perspectiva de experiência de Thompson, seria interessante que o senhor trouxesse um pouco do Laurindo Mekie Pereira para além do intelectual, professor universitário de uma importante Universidade do norte de Minas, autor e coautor de dezenas de artigos publicados, inúmero livros e capítulos de livros escritos. Nessa perspectiva, gostaríamos que o senhor fizesse um breve relato de sua trajetória, de sua origem social até a sua entrada na Universidade no curso de História, apontando para experiências importantes a rememorar aqui que formaram a consciência do Professor Laurindo Mekie, tal como conhecemos hoje.

**LAURINDO MEKIE:** Vou tentar. Sou o nono filho de D. Maria das Dores Medeiros, uma professora, e Sr. Laurindo Nunes Pereira, um pequeno sitiante, ambos de Francisco Dumont/MG. Somos 10 irmãos. Crescemos na zona rural, em meio a muitas restrições. O sítio era (e é) árido e deficitário. O salário minguaço da minha mãe fazia milagres. Meus pais me legaram muitos valores e princípios, a maior parte deles de matriz cristã, mais especificamente da Igreja Batista.

Estudei a vida inteira em escola pública. O primeiro grau foi em Francisco Dumont/MG; o segundo, em Engenheiro Navarro/MG. Cursei a graduação na Unimontes/Montes Claros; o mestrado, na UFU/Uberlândia; e o doutorado, na USP. Tive duas breves experiências no âmbito privado. Em 1994, fiz um curso de contabilidade no extinto Colégio São Norberto, em Montes Claros, e, em 2015/2016, fiz pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa, mas, nesse segundo caso, com bolsa CAPES. Cursei a graduação à noite, trabalhando durante todo o dia. Fui vendedor em depósito de material de construção, trabalhei em escritório de contabilidade e em uma empresa de informática. Em 1999, ingressei no mestrado em Uberlândia. Em 2000, retornei à Unimontes, agora como docente contratado. Fui aprovado no concurso de 2002 e empossado em 2004. Lecionar na universidade era um sonho. Foi uma grande conquista. Sempre agradeço a Deus por isso. Nos tempos de graduação, participei do movimento estudantil. Eu já havia aprendido a importância do engajamento com os professores do segundo grau. Coloquei em prática na universidade como

discente e docente. Sempre que eclode uma greve na Unimontes e começa a discussão quanto a aderir ou não, eu brinco: “eu participei de todas. Não é agora que vou ficar de fora”.

É fácil perceber alguns aspectos nessa trajetória: a origem social (família de baixa renda), as tradições cristãs, a influência dos professores no ensino médio e a escolha pela área de história. Penso que minhas escolhas pela história social, política e intelectual também tem estreita relação com este percurso.

**REVISTA PARAJÁS: No seu livro “A Cidade do Favor” você pensou a Montes Claros das décadas de 1940 e 1950. Refletiu acerca de uma cidade que perpassa dependência, favores nas relações sociais. O que há de permanências e rupturas entre a cidade de “ontem” e a dos nossos dias? Havia compromissos nas relações desta cidade do favor? Se sim, quais?**

**LAURINDO MEKIE:** Permanecem as desigualdades sociais e as relações clientelistas. Diminuiu o peso da violência e do fator “família importante”. Quando falo em dependência no livro, me refiro ao fato óbvio de que os trabalhadores, sub-empregados e desempregados viviam em condições precárias, facilitando a reprodução de práticas políticas viciadas. Nestes termos, a dependência continua. Mas não se pode mais falar em relações coronelistas. Seria um atentado ao conceito. A cidade se tornou muito mais populosa, as relações mais impessoais, emergiu uma sociedade civil nos termos de Antônio Gramsci, o jogo político ficou mais complexo, campanhas são mais caras e profissionais...

**REVISTA PARAJÁS: O senhor publicou, pela Editora Unimontes, o livro “A Cidade do Favor” em 2002, um ano após a defesa da sua Dissertação de Mestrado na UFU (2001), que seria adaptada como o mencionado livro. A sua tese foi defendida em 2007 na USP, mas, diferentemente do que aconteceu com a dissertação, não se transformou em livro e ainda não foi publicada. Por que ainda não existe um livro sobre o regionalismo político norte-mineiro “a serviço do capital”?**

**LAURINDO MEKIE:** Quando terminei a dissertação, em 2001, eu tinha muitas certezas. Quando concluí o doutorado, em 2007, tinha muitas dúvidas. Seis anos de caminhada e algumas leituras a mais nos ensinam a ter mais cautela. Mas ainda vou publicar a tese – ou pelo menos parte dela –, especialmente o capítulo referente ao separatismo norte-mineiro, que, penso, seria um livro que despertaria mais interesse.

**REVISTA PARAJÁS:** As ideologias regionalistas são utilizadas, tanto nos discursos, como em práticas efetivas, em muitas localidades no Estado de Minas Gerais para justificar soluções hegemônicas, na maioria das vezes, ancoradas na “solução” desenvolvimentista. Tanto no Norte de Minas como no Vale do Jequitinhonha, por exemplo, estão em curso grandes empreendimentos que se utilizam de ideologias regionalistas para pleitear o apoio da opinião pública. A quem efetivamente interessa o regionalismo atualmente? Há uma nova roupagem nesse discurso quando se analisa os últimos 50 anos de “desenvolvimento regional”?

**LAURINDO MEKIE:** É preciso cuidado com esses temas. Aprendi com autores como Ann Markusen, Iná de Castro e Sandra Lencioni que há regionalismos – e nacionalismos – de todo tipo. Eles não são bons ou maus *a priori*. Depende do seu conteúdo, forma, conjuntura. Daí porque o trabalho do historiador é indispensável. Posso falar com razoável segurança sobre o regionalismo político norte-mineiro da segunda metade do século XX, objeto da minha tese. Neste caso, a dimensão de classe está muito clara. Foi um eficaz instrumento para os grupos agrários, comerciais e industriais lograrem a hegemonia neste território naquele período.

**REVISTA PARAJÁS:** Para além da vocação, considerando todos os ataques que a Educação vem sofrendo nos últimos anos, bem como o desapareço de uma parte da sociedade, se pudesse voltar aos tempos de graduação, faria tudo novamente ou escolheria outra profissão que pudesse proporcionar maior conforto mental e material? Que conselho daria a quem, hoje, pretende ser um educador?

**LAURINDO MEKIE:** “Toda terra tem espinho”, diziam meus pais lá em Carrapato, lugarejo onde passei a infância e adolescência. Toda profissão tem seus desafios, alegrias e desgostos. Eu gosto muito do meu trabalho. Brincando com a pergunta de vocês, se eu pudesse voltar no tempo, sabendo do que ocorreria no percurso, eu repetiria a escolha.

**REVISTA PARAJÁS:** O senhor disse uma vez que se não tivesse se graduado em História, teria, muito provavelmente, buscado uma formação em Serviço Social. Ainda acredita que o “Serviço Social” seria a sua segunda opção de curso de graduação? Pensa que teria o necessário para se tornar um bom Assistente Social?

---

**LAURINDO MEKIE:** Não sei se seria um bom Assistente Social. De fato, gosto muito dessa área a ponto de ter me casado com uma Assistente Social. Mas tenho grande interesse também por outras áreas como Sociologia e Ciências Políticas.

**REVISTA PARAJÁS:** Qual a importância de se estudar o pensamento de intelectuais como Antonio Gramsci em pleno século XXI? Qual a relevância e legado da teoria deste autor em tempos hodiernos?

**LAURINDO MEKIE:** Gramsci é um clássico do pensamento político. Desconhecer sua obra é limitação intelectual. É óbvio que o mundo passou por grandes transformações desde a morte dele, mas sua teoria política continua relevante, especialmente no que concerne às discussões sobre hegemonia e o conceito ampliado de Estado. Mas temos que, seguindo o próprio Gramsci, não fecharmos os olhos para outras leituras. Nada seria mais anti-gramsciano do que o dogmatismo ou o determinismo.

**REVISTA PARAJÁS:** Antonio Gramsci sempre esteve presente em suas aulas, seja na bibliografia ou na prática – por meio das suas explicações. Nos últimos tempos, para além de Gramsci, Pierre Bourdieu também passou a ter presença confirmada nas suas aulas através da sua vasta produção. Neste sentido, estendemos a pergunta anterior a este outro intelectual: Qual a relevância e legado da teoria de Bourdieu para se compreender a contemporaneidade, sobretudo o século XXI?

**LAURINDO MEKIE:** Bourdieu é cronologicamente mais atual que Gramsci. E o é também quanto à força dos seus conceitos pela razão óbvia de que ele vive, pesquisa e teoriza sobre um tempo mais próximo de nós. Michael Burawoy, sociólogo inglês, diz que Bourdieu é o quarto clássico – depois de Durkheim, Marx e Weber. Talvez seja exagero dele, mas o autor francês efetivamente nos disponibiliza um arsenal de pesquisas, ideias e conceitos que ajudam em muito a pensar nosso mundo. Meu encontro com Bourdieu se deu em etapas. Primeiro, a repulsa. Eu o achava terrivelmente chato, incompreensível. Depois, comecei a entrar um pouquinho no texto dele. Ainda sou um pequeno aprendiz. Penso que o conceito de campo é o que mais me atrai. Não consigo mais pensar o mundo social sem essa ferramenta.

---

**REVISTA PARAJÁS: O senhor acredita que Ciência e Fé podem andar de mãos dadas? Existe compatibilidade entre elas? Acredita que podem contribuir uma com a outra no sentido de ajudar a interpretar a nossa realidade? Ou devem se esforçar para continuar separadas, cada qual com a sua visão de mundo?**

**LAURINDO MEKIE:** Esse é um tema por demais complexo. E importante. Há muita gente discutindo isso de forma séria. Destaco Alister Mcgrath, professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra, cuja obra estou começando a ler. No Brasil, é valioso o trabalho da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência/ABC2. Mcgrath fala de diversos modelos de relação entre fé e ciência, sendo os mais conhecidos os tipos “conflito”, “independência”, “diálogo” e “integração”. Sempre achei que a separação criteriosa fosse a melhor receita. Com Macgrath, estou aprendendo um pouco sobre o diálogo. Em qualquer área da vida, esse é o melhor caminho.

**REVISTA PARAJÁS: Conte-nos um pouco sobre o projeto “Tempus: Combates pela História”. De onde veio? Como surgiu? E qual o escopo por trás dele?**

**LAURINDO MEKIE:** Surgiu durante o confinamento da pandemia, em 2020. Thiago Pereira, Francisco Rocha e eu fizemos uma *live* sobre o golpe de 1964. Era a febre das *lives*. Aos poucos, foi amadurecendo a ideia do podcast. O escopo é simples e ambicioso: falar (também) para o público não acadêmico, usando uma linguagem acessível e um formato agradável – um bate-papo – sem perder a consistência. Já temos dois anos de caminhada. Dá mais trabalho do que parece, mas é muito gratificante. Há ouvintes com os perfis mais diferentes que a gente possa imaginar: advogados, geógrafos, profissionais da informática, fonoaudiólogos, jornalistas, médicos, adolescentes, idosos... E professores e estudantes de história, evidentemente.

**REVISTA PARAJÁS: Antes de finalizarmos, responda objetivamente às seguintes perguntas:**

**a) Qual livro mais o marcou em sua vida?**

**LAURINDO MEKIE:** As Crônicas de Nárnia, de C.S. Lewis.

**b) E qual o seu livro de cabeceira?**

---

**LAURINDO MEKIE:** Se for o livro que leio todos os dias, a resposta é a Bíblia. Se forem os livros que estou lendo agora, são “Ciência & Religião: fundamentos para o diálogo”, de Alister Mcgrath, e “O abolicionismo”, de Joaquim Nabuco.

**c) Qual personagem de nossa história pátria o senhor considera um verdadeiro herói?**

**LAURINDO MEKIE:** Não consigo pensar em um nome. Não aprecio a ideia de heróis. Mas há um tipo pelo qual tenho grande apreço. É o morador/trabalhador rural/pequeno proprietário. Eles levam uma vida muito adversa, são tratados com desprezo nos ambientes urbanos, gastam suas vidas no trabalho e sustento dos filhos, mantem uma vaga esperança de que um dia “as coisas vão melhorar”. Talvez minha admiração se deva ao fato de que cresci entre eles. Eu tenho horror a quem destrata um pobre, um homem “da roça”.

**d) E da história universal?**

**LAURINDO MEKIE:** Não consigo pensar em um nome específico.

**e) Se fosse pra escolher outro país (que não o Brasil) para ter nascido / vivido, qual escolheria?**

**LAURINDO MEKIE:** Sem ufanismo algum, escolheria o Brasil. Mas, hoje, se eu pudesse, eu me mudaria para Portugal.

**f) Se pudesse sintetizar o conhecimento acumulado ao longo de sua experiência de vida em uma frase, o que diria às próximas gerações?**

**LAURINDO MEKIE:** A realidade é muita mais complexa do que todas as tentativas de explicá-la.

**REVISTA PARAJÁS:** O que o senhor espera deixar para a posteridade em relação ao seu nome?





---

**LAURINDO MEKIE:** Não sei. Está cedo para pensar nisso, não é?